

NOTA DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS: SUFIXO *-Ó[†]

NOTES ON PORTUGUESE HISTORICAL MORPHOLOGY: SUFFIX *-Ó

Przemysław Dębowiak[‡]
pdebowski@gmail.com

Existe em português um grupo de palavras oxítonas terminadas em -ó ([ɔ] tónico) que não são nem empréstimos, nem interjeições, nem onomatopeias. É uma trintena de substantivos de ambos os géneros gramaticais, alguns empregados na linguagem do dia-a-dia (*avó*), outros mais raros, especializados ou dialetais (*eiró* ‘enguia’ ou ‘pequena eira’), outros ainda já caídos em desuso (*lançó*). Segundo as fontes etimológicas, estes vocábulos foram herdados do latim, provindo de diminutivos formados com os sufixos -*ĕŏlus* / -*a* / -*um* e -*ĩŏlus* / -*a* / -*um*; nalguns casos, a origem deles não foi estudada. O objetivo do trabalho é demonstrar, com base numa análise formal e semântica destes termos, a existência de um sufixo *-ó, ainda produtivo no português medieval, que terá tido, entre outros, valor diminutivo. Posteriormente, o sufixo postulado terá perdido vitalidade, estando hoje em dia completamente lexicalizado num número reduzido de palavras como as do corpus.

Palavras-chave: português, morfologia histórica, derivação sufixal, diminutivo.

In Portuguese, there is a group of oxytone words ending in -ó (stressed [ɔ]) that are neither loans, nor interjections, nor onomatopoeias. These are around thirty nouns

[†] Uma versão menos extensa e ligeiramente modificada deste texto foi apresentada, sob o título *Sobre algumas palavras portuguesas terminadas em “-ó”*, no Colóquio Internacional *Horizontes do Saber Filológico* que teve lugar de 16 a 17 de novembro 2012 na Universidade Sveti Kliment Ohridski em Sófia (Bulgária).

[‡] Universidade Jagellónica de Cracóvia.

of both grammatical genders, some of them used in everyday language (*avó* ‘grand-mother’), others rarer, specialised and dialectal (*eiró* ‘eel’ or ‘small treshing-floor’), and others which have already fallen into disuse (*lanço* ‘lancette’). According to etymological sources, these terms were inherited from Latin and come from diminutives formed with suffixes *-ĕolus / -a / -um* and *-iōlus / -a / -um*; in some cases, their origin was not studied. Based on a formal and semantic analysis of these words, the paper aims to demonstrate the existence of a suffix **-ó*, still productive in Medieval Portuguese, that might have had a diminutive meaning, among others. The postulated suffix might have subsequently lost its vitality and is nowadays completely lexicalised in a reduced number of terms like the ones from the corpus.

Keywords: Portuguese, historical morphology, suffixal derivation, diminutive.

*

Introdução

1. O português é tradicionalmente designado como uma língua de acento livre, o que significa que o acento não é estável a nível de palavras (Cunha & Cintra, 1984: 55–62; Mateus, Frota & Vigário, 2003: 1050–1054; Mateus, Falé & Freitas, 2005: 279–287; Borregana, 2008: 36–38). Quando uma palavra tem acento na última sílaba, é oxítone ou aguda (p.ex. *além*, *partir*); quando na penúltima, é paroxítone ou grave (p.ex. *barco*, *texugo*); se for acentuada na antepenúltima sílaba, então é chamada proparoxítone ou esdrúxula (p.ex. *próximo*, *escândalo*). Se se incluírem também os enclíticos, às vezes é marcada com acento a quarta sílaba, contando do fim do vocábulo, dando-se-lhe então o nome de bisesdrúxulo (p.ex. *lavávamo-nos*, *chamava-se-lhe*). Estatisticamente, as palavras portuguesas são na sua maioria paroxítonas (Espada, 2006: 97), o que também justifica o uso dos diacríticos na ortografia portuguesa: acentuam-se (portanto, distinguem-se) na grafia precisamente aqueles vocábulos que não são paroxítonos.

2. No léxico português existem várias palavras oxítonas terminadas em *-ó* ([ɔ] tónico). Não é uma terminação muito frequente; num dicionário de rimas da língua portuguesa (Castilho, 1894: 239) só encontramos 70 entradas com tal terminação, e num dicionário inverso (Andrade, 1993: 620–622) – 146. Porém, tendo completado o corpus com vocábulos acha-

dos noutros dicionários (DA, DLP, DPLP), constatamos que apresentam uma grande diversidade quanto à origem⁽¹⁾. Nomeadamente:

- a) palavras monossilábicas de proveniência latina que resultam de uma síncope de consoantes intervocálicas e uma crase ulterior de vogais tornadas vizinhas:
 - *dó* (s.m.) ‘compaixão, pena’ ← *dōlu-* (s.m.);
 - *jó* (s.m.) ‘travessa que limita avante e à ré os bancos dos remadores’ ← *jūgu-* (s.n.);
 - *mó* (s.f.) 1. ‘pedra pesada e redonda para moinho ou lagar’, 2. ‘pedra para amolar instrumentos cortantes ou perfurantes’ ← *mōla-* (s.f.);
 - *nó* (s.m.) ‘laço apertado’ ← *nōdu-* (s.m.);
 - *pó* (s.m.) ‘poeira’ ← **pūlu-* (← **pūlvu-* ← *pūlvīs* (s.m.));
 - *só* (adj.m./f.) ‘sozinho, sozinha’ ← *sōlu-*, *sōla-* (adj.);
- b) empréstimos, p.ex.:
 - *faraó* (s.m.) ‘soberano do antigo Egito’ ← lat. *Phāraō* (-ōn);
 - *icipó* (s.m.) ‘arbusto brasileiro’ ← tupi;
 - *portaló* (s.m.) ‘lugar por onde se entra no navio ou por onde se mete a carga’ ← cat. *portaló*;
 - *trenó* (s.m.) ‘carruagem sem rodas, própria para deslizar sobre o gelo’ ← fr. *traîneau*;
- c) interjeições, p.ex.:
 - *bó!* ‘ora essa! nessa!’;
 - *fó!* que exprime repugnância (no português informal da Madeira);
 - *tó!* que serve para chamar ou afastar certos animais;
- d) onomatopeias, p.ex.:
 - *cocó* (s.m.) ‘galo ou galinha’ (termo informal);
 - *cocorocó* (s.m.) ‘voz imitativa do canto do galo’;
 - *fófó* (s.m.) ‘ventosidade expelida pelo ânus; flato, peido’ (no português informal da Madeira);
- e) termos informais provenientes da linguagem afetiva, p.ex.:
 - *cocó* (s.m.) ‘excremento’;
 - *Tó* (s.m.) ‘António’;

(1) As etimologias consultaram-se com dicionários etimológicos (DELP e REW); todas as palavras latinas foram verificadas no dicionário do latim de Gaffiot (G); as formas contemporâneas dos vocábulos portugueses e os seus significados provêm de dicionários da língua portuguesa (DA, DLP e DPLP).

No texto usam-se as seguintes abreviações e símbolos: **adj.** = adjetivo; **adv.** = advérbio; **ant.** = antigo; **cat.** = catalão; **dial.** = dialetal; **esp.** = espanhol; **f.** = feminino; **fr.** = francês; **gal.** = galego; **lat.** = latim; **leon.** = leonês; **m.** = masculino; **n.** = neutro; **PB** = português do Brasil; **PE** = português europeu; **pl.** = plural; **pt.** = português; **s.** = substantivo; **sg.** = singular; ← = provém de; → = resulta em; < = deriva de; > = é a base de derivação para; <> = relacionado com.

- f) palavras resultantes da apócope, p.ex.:
- *cafundó* (s.m.) ← *cafundório* (s.m.) ‘lugar ermo’ (no PB);
 - *freijó* (s.m.) ← *frei-jorge* (s.m.) ‘quiri; árvore leguminosa do Brasil’ (no PB);
- g) vocábulos cuja etimologia não está suficientemente, ou de maneira alguma, esclarecida, p.ex.:
- *badalhó* 1. (s.m./f.) ‘casta de figueira’, 2. (adj.m./f.) ‘diz-se de casta de figueira’;
 - *beilhó* (s.m./f.) ‘bolo frito de abóbora, farinha e açúcar’ (também *belhó* (s.m.), *beilhós* (s.m./f.), *bilhós* (s.f.));
 - dial. *bilhó* (s.f.) 1. (ant.) ‘castanha assada ou cozida e descascada’, 2. ‘criança gorda e muito baixa’ (Beira, Trás-os-Montes)⁽²⁾;
 - *filó* (s.m.) ‘tecido reticular; espécie de cassa’⁽³⁾;
 - *ló* (s.m.) ‘tecido fino como escumilha’ (também em *pão-de-ló* ‘variedade de bolo fofo e doce?’);
 - *queiró* (s.f.) ‘urze do mato’ (também *queirós*, *queiroga*, ambos s.f.)⁽⁴⁾;
 - *quitó* (s.m.) 1. (ant.) ‘espécie de espada’, 2. (dial.) ‘pessoa muito pequena’.

Apresentação e análise do corpus

3. A este grupo de palavras portuguesas oxítonas terminadas em *-ó* pertence igualmente um conjunto de vocábulos que têm uma característica em comum, sobressaindo da sua etimologia: provêm de diminutivos latinos proparoxítonos formados com o sufixo *-ŭlus / -a / -um*, que antecedido das vogais anteriores [e], [i] ou da semivogal [w], adotava a forma *-ĕŭlus / -a / -um* ou *-öŭlus / -a / -um*⁽⁵⁾. Segue-se uma análise histórica formal e semântica destes termos, constituindo o núcleo do nosso corpus, junto com

(2) Na literatura etimológica fala-se das palavras *beilhó* e *bilhó* como se proviessem do mesmo étimo (o que não é óbvio), mas, na nossa opinião, não se conseguiu chegar a nenhuma solução satisfatória. Veja-se: Vasconcellos, 1895: 133; Viana, 1906a: 139–140; Vasconcellos, 1927: 126; DELP s.v. *Belhó*, *bilhó*.

(3) DELP (s.v. *Fio*) propõe um étimo “**filolu-*” (por **filīōlu-* ‘pequeno fio’), o que se explicaria semanticamente (de ‘matéria’ a ‘tecido feito dela’, veja-se 3.11.), mas é difícil de sustentar do ponto de vista fonético, dada a presença do *-l-* intervocálico.

(4) Veja-se Vasconcellos, 1895: 181–182.

(5) Em função do contexto fonético, este sufixo podia ter também outras formas, entre as quais dominava *-ĕllus / -a / -um*. Outro sufixo diminutivo era bastante frequente em latim: *-cŭlus / -a / -um*, com a sua variedade posterior *-cēllus / -a / -um*. Vejam-se gramáticas latinas, p.ex. Meillet & Vendryes, 1924: 117; Otrębski & Safarewicz, 1937: 244–247; Palmer, 1988: 236–237.

a dos seus predecessores não-diminutivos (caso se tenham conservado em português).

3.1. pt. *arrió* (s.m.) 1. ‘pedrinha para jogar o alquerque’, 2. (mais usado no pl.) ‘jogo do alquerque’, 3. ‘pelouro’, 4. (no PB) ‘espécie de fava’ ← lat. **rădiōla*- (s.f.) ‘raiozinho’ < **rădiā*- (s.f.) ‘raio, linha’ → pt. *raia* (s.f.) ‘linha, traço, risca’.

As variantes são: *arriol*, *arriós* (ambas s.m.). Todas as formas apresentam aglutinação do artigo feminino (**a rió* → *arrió*). O diminutivo desenvolveu aceções figuradas: ‘risca’ → ‘jogo de pedrinhas sobre uma tábua riscada ou um solo com riscas traçadas’ → ‘pedrinha’ → ‘espécie de fava’.

Forma sinónima da mesma origem: esp. *rayuela* (s.f.) ‘espécie de jogo’; também gal. *riola* (s.f.) ‘fila de pessoas’, *raiola* (s.f.) 1. ‘conjunto de raios de sol que às vezes aparecem entre as nuvens quando o céu está coberto’, 2. ‘aberta de sol num dia chuvoso’, 3. ‘calor morno do sol’.

[Viana, 1906a: 92–94; DELP s.v. *Arrió*, *arriól*, *arriós*, s.v. *Raia*²; DA s.v. *Arriós*, s.v. *Raia*¹; DLP s.v. *arrió*, s.v. *raia*¹; DPLP s.v. *arrió*, s.v. *raia*; DRAG s.v. *raiola*, s.v. *riola*; RAE s.v. *rayuela*].

3.2. pt. *avó* (s.f.) ‘mãe do pai ou da mãe’ ← lat. **ăvīōla*- (s.f.) ‘avó’ < *ăvīa*- (s.f.) ‘avó’ → pt. ø.

A forma *ăvīa* é o feminino de *ăvus* (s.m.) ‘antepassado, avô’ que também não se conservou em português, mas cujo diminutivo **ăvīōlu*- (s.m.) deu pt. *avô* (s.m.) ‘pai do pai ou da mãe’. Em ambos os casos o diminutivo, decerto de origem afetiva, substituiu completamente o primitivo.

Formas sinónimas da mesma origem: gal. *avoa* (s.f.), *avó* (s.m.); esp. *abuela* (s.f.), *abuelo* (s.m.); também fr. *aïeule* (s.f.), *aïeul* (s.m.) ‘antepassado, ascendente’.

[G s.v. *1 ăvīa*, s.v. *ăvus* (*ăvos*)⁽⁶⁾; REW 823, 830, 839; DELP s.v. *Avô*; DA s.v. *Avó*, s.v. *Avô*; DLP s.v. *avó*, s.v. *avô*; DPLP s.v. *avó*, s.v. *avô*; DRAG s.v. *avó*; RAE s.v. *abuela*, s.v. *abuelo*; TLF s.v. *aïeul*, *eule*, *euls*, *eules*].

3.3. pt. *corrijó* (s.f.) ‘planta herbácea espontânea em Portugal, também conhecida por carrajó, língua-de-ovelha, tanchagem, etc.’ ← lat. **corrīgīōla*- (s.f.) ‘pequena correia’ < *corrīgīa*- ‘correia; chicote; laço de calçado’ → pt. *correia* ‘tira de couro’.

(6) Ainda que não note **ăvīōla*, diminutivo de *ăvīa*, encontra-se nele a forma *Aviōla* com o sentido de ‘sobrenome romano’.

Existem também as formas *correjola*, *corrijola*, *corrigíola*, *corriola* (todas s.f.) que designam outras espécies de plantas, mas provêm do mesmo diminutivo latino. O derivado desenvolveu um sentido figurado.

Formas sinónimas da mesma origem: gal. *correola* (s.f.); esp. *correhuela*, *correyuela* (s.f.); cat. *corretjola* (s.f.).

[G s.v. *corrígia*; REW 2253; DELP s.v. *Correia*; DA s.v. *Correia*, s.v. *Corrijola*, s.v. *Corrigíola*, s.v. *Corriola*; DLP s.v. *carrijó*, s.v. *correia*, s.v. *correjola*, s.v. *corrigíola*, s.v. *corrijó*, s.v. *corrijola*, s.v. *corriola*; DPLP s.v. *correia*, s.v. *corrijó*, s.v. *corriola*; DRAG s.v. *correola*; DRAE s.v. *correhuela*, *correyuela*; GDLC s.v. *corretjola*].

3.4. pt. *eiró* (s.m./f.) ‘enguia’ ← lat. **hydrēōla*- (s.f.) ‘pequena hidra’ < *hydra*- (s.f.) ‘cobra de água; hidra de Lerna’ → pt. ø.

Outras formas do diminutivo conservado são: *iró*, *eirol*, *irol*, *eirós*, *irós* – todas de género feminino; *eró*, *eirogo* – de género masculino⁽⁷⁾. O primitivo não sobreviveu em português, enquanto o derivado se conservou com um sentido figurado, um tanto minorativo.

Formas sinónimas da mesma origem: gal. *airoa* / *eiroa* (s.f.).

[G s.v. *hydra*; Vasconcellos, 1895: 144–145⁽⁸⁾; Viana, 1906a: 377⁽⁹⁾; REW 633⁽¹⁰⁾; DELP s.v. *Eiró*²; DA s.v. *Eiró*¹; DLP s.v. *eiró*¹, s.v. *iró*, s.v. *irós*; DPLP s.v. *eiró*; DRAG s.v. *airoa*, s.v. *eiroa*].

3.5. dial. pt. *eiró* (s.m./f.) ‘eira de piso térreo’ (Trás-os-Montes) ← lat. *ārēōla*- (s.f.) ‘pátio pequeno’ < *ārēa*- (s.f.) 1. ‘superfície, solo unido; pátio’, 2. ‘espaço para bater o trigo’, etc. → pt. *eira* (s.f.) ‘terreno liso ou empedrado onde se põem a secar e se trilhavam ou desgranavam legumes ou cereais’.

Observa-se uma restrição territorial e semântica do diminutivo face ao primitivo.

(7) Os nomes parecidos: *eiroga*, *airoga*, *oirega*, *teiroga*, todos s.f., designam outro peixe, nomeadamente uma espécie de raia (DLP s.v. *eiroga*, s.v. *teiroga*²). A nosso ver, resultam da confusão de *eiró* com *teira* (veja-se 4.15.).

(8) Propõe dois étimos, ambos errados, sem prover explicações suplementares, mas admitindo ter dúvidas a respeito deles: lat. “*areolus* / *areola*” ou “*hariolus* / *hariola*”.

(9) Com a seguinte explicação da primeira das etimologias sugeridas por Vasconcellos (1895: 144–145): “De *areola* < *areia*, por serem as *eirós* transportadas vivas nas selhas, envolvidas em areia molhada”.

(10) Repete a primeira das etimologias propostas por Vasconcellos (1895: 144–145), sustentada por Viana (1906a: 377).

Forma correspondente da mesma origem: cat. *erola* (s.f.) 1. ‘terreno onde se semeia legumes’, 2. (ant.) ‘pequena superfície plana em cima de uma montanha’.

[G s.v. *ārēa*, s.v. *ārēōla*; Vasconcellos, 1895: 145; REW 626, 632⁽¹¹⁾; DELP s.v. *Área*, s.v. *Eiró*¹; DA s.v. *Eira*, s.v. *Eiró*²; DLP s.v. *eira*, s.v. *eiró*²; DPLP s.v. *eira*, s.v. *eiró*; GDLC s.v. *erola*].

3.6. pt. *enxó* (s.f. no PE, s.m. no PB) ‘instrumento de carpinteiro para desbastar tábuas ou peças de madeira’ ← lat. *asciōla*- (s.f.) ‘pequena enxó’ < *asciā*- (s.f.) 1. ‘machado, enxó’, 2. ‘enxada’, 3. ‘colher de pedreiro’, 4. ‘martelo do britador de pedra’ → pt. *ø*.

O diminutivo retomou o sentido do primitivo que não se conservou em português.

Formas sinónimas da mesma origem: gal. *aixola* (s.f.); esp. *azuela* (s.f.); cat. *aixol* (s.m.).

[G s.v. *ascīa* (*ascēa*), s.v. *asciōla*; Vasconcellos, 1887–1889: 304⁽¹²⁾; Viana, 1906a: 396; REW 696, 698⁽¹³⁾; DELP s.v. *Enxada*; DA s.v. *Enxó*¹; DLP s.v. *enxó*; DPLP s.v. *enxó*; DRAG s.v. *aixola*; RAE s.v. *azuela*; GDLC s.v. *aixol*].

3.7. pt. *filhó* (s.m./f.) 1. ‘bolo de farinha e ovos, frito em óleo ou azeite, e normalmente passado por calda de açúcar’, 2. ‘tira fina de massa de farinha e ovos, que, depois de frita, se polvilha com açúcar e / ou canela’ ← lat. **fōlīōla*- (s.f.) ‘pequena folha; bolo folhado’ < *fōlīa*- (s.f.) ‘folha, folhagem’ (pl. de *fōlīum* (s.n.) ‘folha, cada uma das partes que constituem a verdura dos vegetais’, tornado sg.f.) → pt. *folha* (s.f.) ‘órgão das plantas responsável pela captação de luz e trocas gasosas com a atmosfera’.

Outra forma é *filhós* (s.f.). A diferenciação semântica entre o primitivo e o diminutivo é evidente, este último tendo desenvolvido um sentido figurado pela comparação da estrutura do bolo folhado com uma folha.

Formas sinónimas da mesma origem: gal. *filloa* (s.f.); leon. *fiyuela* (s.f.); esp. *hojuela* (s.f.).

(11) Assinala a existência do lat. *ārēōla*, mas não nota a palavra portuguesa entre os seus continuadores românicos.

(12) Grafia a palavra como *enchó*.

(13) Embora note a existência do lat. *asciōla*, não enumera a palavra portuguesa entre os seus continuadores românicos.

[G s.v. *1 fõlia*, s.v. *fõlõlum*, s.v. *fõlium*; Vasconcellos, 1887–1889: 304; Vasconcellos, 1895: 133⁽¹⁴⁾; Viana, 1906a: 461⁽¹⁵⁾; REW 3413, 3415; DELP s.v. *Filho*, s.v. *Folha*; DA s.v. *Filhó*, s.v. *Folha*; DLP s.v. *filhó*, s.v. *folha*; DPLP s.v. *filhó*, s.v. *filhós*, s.v. *folha*; DRAG s.v. *filloa*; RAE s.v. *hojuela*].

3.8. dial. pt. **grejõ** 1. (s.f.) ‘pequena igreja, capela’, 2. (s.m., ant.) ‘lâmpada eterna da igreja’ (Trás-os-Montes) ← lat. *ecclēsīōla*- (s.f.) ‘pequena igreja’ < *ecclēsīa*- (s.f.) ‘assembleia; conjunto (dos fiéis); igreja’ → pt. *igreja* (s.f.) 1. ‘conjunto dos fiéis’, 2. ‘edifício dedicado ao culto da religião cristã’.

Existem variantes **grijó**, **igrejó**, **igrejola** (s.m./f.). O diminutivo guardou o seu valor original, embora só se tenha conservado nos dialetos portugueses setentrionais.

Forma sinónima da mesma origem: cat. **esglesiola** (s.f.).

[G s.v. *ecclēsīa*, s.v. *ecclēsīōla*; Vasconcellos, 1895: 168; Viana, 1906a: 519; Viana, 1906b: 4–5; REW 2823; DELP s.v. *Igreja*; DA s.v. *Grejó*, s.v. *Grijó*, s.v. *Igreja*, s.v. *Igrejõ*, s.v. *Igrejola*; DLP s.v. *grejõ*, s.v. *igreja*; DPLP s.v. *grejõ*, s.v. *grijó*, s.v. *igreja*; GDLC s.v. *esglesiola*].

3.9. pt. **ichó** (s.m./f.) ‘armadilha para coelhos ou perdizes’ ← lat. *ōstīōlu*- (s.n.) ‘pequena porta’ < *ōstīu*- (s.n.) ‘entrada, porta’ → pt. *o*.

Existem outras variantes do diminutivo conservado, todas oscilantes em género: **ichós**, **chó** (devida a uma aférese) e **enchó** (resultado da atração formal a *enxó*, veja-se **3.6.**).

Formas sinónimas da mesma origem: gal. **ichó** (s.m.); esp. **orzuelo** (s.m.).

[G s.v. *ostīōlum*, s.v. *1 ostīum*; Vasconcellos, 1887–1889: 304; Viana, 1906a: 396⁽¹⁶⁾; Viana, 1906b: 1; REW 6116, 6117; DELP s.v. *Ichó*; DA s.v. *Enxó*², s.v. *Enxós*, s.v. *Ichó*; DLP s.v. *enchó*, s.v. *ichó*; DPLP s.v. *enchó*, s.v. *ichó*; DRAG s.v. *ichó*; RAE s.v. *orzuelo*²].

3.10. pt. ant. **lançó** (s.m./f.) ‘lanceta aguda’ ← lat. *lancēōla*- (*lanciōla*-) (s.f.) ‘pequena lança’ < *lancēa*- (s.f.) ‘lança, chuço, hasta’ → pt. *lança* (s.f.) ‘chuço, hasta, pique’.

O diminutivo guarda o seu sentido original.

(14) Inicialmente (1887–1889) propõe um étimo errado sem dar explicações (lat. “*filiolum*”), depois (1895) hesita entre lat. “*filiolum*” e “*foliola*”, mas não decide qual dos dois é mais plausível.

(15) Admite a palavra vir tanto do lat. “*folliola* (< *follis* ‘folé’)” como “*foliola* (< *folium* ‘folha’)”.

(16) Não reconhece na forma que grafa *enxó(s)* uma variante da palavra *ichó*, acreditando que se trata de “uma acepção especial de *enxó* ← latim *asciōla*, deminutivo [sic] de *ascia*”.

Forma sinónima da mesma origem: esp. *lanzuela* (s.f.); também gal. *lanzoa* (s.f.) ‘ranúnculo’ – aceção de origem metafórica.

[G s.v. *lancĕa*, s.v. *lancĕōla*; Vasconcellos, 1910: 334; REW 4878, 4883; DELP s.v. *Lança*; DA s.v. *Lança*, s.v. *Lançó*; DLP s.v. *lança*; DPLP s.v. *lança*; DRAG s.v. *lanzoa*; RAE s.v. *lanzuela*].

3.11. pt. *linhó* (s.m.) 1. ‘fio grosso para coser calçado, lona, etc.’, 2. ‘tecido que imita o de linho’ ← lat. **linĕōlu-* (s.n.) ‘fio de linho; pedaço de tecido de linho’ < *linĕa-* (*linĭa-*) (s.f.) 1. ‘fio de linho, cordão, cordel’, 2. ‘linha de pesca’, etc. → pt. *linha* (s.f.) 1. ‘fio para coser’, 2. ‘linho’, 3. ‘fio de pesca’, etc.

Existe também a forma *linhol* (s.m.). Semanticamente, tanto o diminutivo como o primitivo continuam as aceções latinas.

Formas sinónimas da mesma origem: gal. *liñó* (s.m.) 1. ‘linha de erva, centeio, trigo, etc., que o trabalhador deixa atrás dele ao segar’, 2. ‘costura de fio gordo feita à mão que une os panos da rede’, 3. ‘arte de pesca consistente num fio, geralmente de nylon, cunha chumbada e um ou vários anzóis empatados no extremo’; esp. *liñuelo* (s.m.) ‘cabo ou ramal das cordas e tranças’; cat. *llinyol* (s.m.) ‘fio grosso para coser calçado’; fr. *ligneul* (s.m.) ‘fio empregado pelos sapateiros e seleiros’.

[G s.v. *linĕa*; REW 5061, 5062, 5073; DELP s.v. *Linha*; DA s.v. *Linha*, s.v. *Linhol*¹; DLP s.v. *linha*, s.v. *linhol*; DPLP s.v. *linha*, s.v. *linhó*, s.v. *linhol*; DRAG s.v. *liñó*; RAE s.v. *liñuelo*; GDLC s.v. *llinyol*; TLF s.v. *ligneul*].

3.12. pt. ant. *mosteiró* (s.m.) ‘pequeno mosteiro’ ← lat. *mōnastĕrĭōlu-* (s.n.) ‘pequeno mosteiro’ < *mōnastĕrĭu-* (s.n.) ‘mosteiro, habitação de monges ou monjas’ → pt. *mosteiro* (s.m.) ‘abadia, convento’.

Tanto o primitivo como o diminutivo guardam as suas aceções originais.

[G s.v. *mōnastĕrium*, s.v. *mōnastĕrĭōlum*; REW 5656; DELP s.v. *-mon(o)-*; DA s.v. *Mosteiro*, s.v. *Mosteiró*; DLP s.v. *mosteiro*, s.v. *mosteiró*; DPLP s.v. *mosteiro*, s.v. *mosteiró*].

3.13. pt. *pió* (s.m./f.) 1. ‘correia que as aves de volataria trazem nos pés’, 2. ‘peia’ ← **pĕdĭōla-* (s.f.) ‘grilhão para os pés’⁽¹⁷⁾ < *pĕde-* (s.m.) ‘pé, pata, garra’ → pt. *pé* (s.m.) ‘parte final dos membros, sobretudo posteriores, dos vertebrados terrestres’.

Outras formas são *peó* e *piós* (ambas s.m.). O derivado tem aceções figuradas.

(17) Semanticamente, este derivado reconstruído corresponde à palavra latina *pĕdĭca* (G s.v.).

Formas sinónimas da mesma origem: gal. *pioga* (s.f.), *piola* (s.f.); esp. *pihuela* (s.f.).

[G s.v. *pēs*; Vasconcellos, 1887–1889: 304; Vasconcellos, 1895: 180; Viana, 1906b: 276; REW 6355, 6439; DELP s.v. *Pé*; DA s.v. *Pé*, s.v. *Peó*, s.v. *Pió*; DLP s.v. *pé*; DPLP s.v. *pió*, s.v. *piós*; DRAG s.v. *pioga*, s.v. *piola*; RAE s.v. *pihuela*].

3.14. pt. *terço* 1. (adj.m./f., ant.) ‘dizia-se do último animal que nasce da mesma ninhada’, 2. (s.m.) ‘falcão macho’ ← lat. **tērtiōlu-* (adj.) ‘terceiro-zinho’ < *tērtiu-* (adj.) ‘terceiro’ → pt. *terço* 1. (adj.) ‘terceiro’, 2. (s.m.) ‘cada parte de um todo dividido em três partes’.

Outras formas do mesmo vocábulo são *terçô* (adj.m./f., s.m.), *treçó*, *terçogo* (s.m.). A diferença semântica entre o primitivo e o diminutivo é evidente, tendo este último desenvolvido sentidos figurados (por as pessoas crerem que o macho é o terceiro a nascer numa ninhada, ou por o macho do falcão ser de um terço mais pequeno do que a fêmea).

Formas sinónimas da mesma origem: esp. *terzuelo* (s.m.) 1. ‘um terço’, 2. ‘falcão macho’; fr. ant. *terçuel* (s.m.) ‘macho de algumas aves de rapina; falcão macho’ (> fr. *tiercelet* (s.m.) ‘falcão macho, gavião macho’).

[G s.v. *1 tertius*; Vasconcellos, 1887–1889: 304; REW 8678, 8679; DELP s.v. *Três*; DA s.v. *Terço*, s.v. *Terçó*, s.v. *Terçô*, s.v. *Treçó*; DLP s.v. *terço*, s.v. *terçogo*¹; DPLP s.v. *terço*, s.v. *terçó*, s.v. *terçô*; RAE s.v. *terzuelo*; TLF s.v. *tiercelet*].

3.15. pt. *terçó* (s.m.) ‘hordéolo, pequeno tumor no bordo das pálpebras’ ← lat. **trītīcēōlu-* (s.n.) < *trītīcēu-* (adj.) ‘de trigo’ → pt. *ø*.

Outras formas do diminutivo, todas de género masculino, são: *terçol*, *terçolho*, *treçolho* (estas duas devidas seguramente a uma contaminação com *olho*), *terçogo*; funciona também um empréstimo do latim, *hordéolo* (s.m.). Conservou-se apenas o derivado com um sentido figurado, provindo da semelhança do hordéolo com um grão de trigo.

Formas sinónimas da mesma origem: gal. *tirizó*, *tricó* (s.m.).

[G s.v. *trītīcēus*; Vasconcellos, 1887–1889: 304; REW 4179, 8924; DELP s.v. *Trigo*; DA s.v. *Terçol*; DLP s.v. *terçogo*², s.v. *terçol*, s.v. *terçolho*, s.v. *treçolho*; DPLP s.v. *terçó*, s.v. *terçolho*; DRAG s.v. *orizól*].

3.16. dial. pt. *tinho* (s.m.) ‘doença, moléstia cutânea; comichão da pele’ (Trás-os-Montes) ← lat. *tīnēōla-* (s.f.) ‘piolho’ < *tīnēa-* (s.f.) ‘traça; verme intestinal’ → pt. *tinha* (s.f.) ‘doença cutânea que ataca o couro cabeludo e o pelo’.

Tanto o primitivo como o diminutivo desenvolveram um sentido metafórico.

Forma da mesma origem: esp. *tiñuela* (s.f.) ‘cuscuta, parasita do linho’.

[G s.v. *1 tñëa*, s.v. *tñëöla*; Viana, 1906b: 481; REW 8746, 8747; DELP s.v. *Tinha*; DA s.v. *Tinha*¹, s.v. *Tinhó*; DLP s.v. *tinha*; DPLP s.v. *tinha*; RAE s.v. *tiñuela*].

4. Além das palavras que provêm de diminutivos latinos⁽¹⁸⁾, encontramos outras às quais se podia atribuir uma etimologia analógica, mas com grandes dificuldades, e isso por algumas razões. Em primeiro lugar, todas viriam de formas latinas hipotéticas, reconstituídas. Em segundo lugar, estes vocábulos maioritariamente não têm correspondentes formais noutras línguas românicas que se pudessem ter originado de um mesmo étimo latino, inclusive na onomástica. Portanto, preferimos incluí-los num grupo separado, sem decidir por enquanto qual a sua etimologia.

4.1. *aguilhó* (s.m.) ‘antigo toucado de mulher’ <> *aguilhão* (s.m.) 1. ‘bico ou ponta perfurante’, 2. ‘ferrão dos insetos’.

[DELP s.v. *Aguilhão*⁽¹⁹⁾; DA s.v. *Aguilhão*, s.v. *Aguilhó*; DLP s.v. *aguilhão*; DPLP s.v. *aguilhão*, s.v. *aguilhó*].

4.2. dial. *bolinhó* (s.m.) ‘espécie de pão-de-ló retangular, coberto de açúcar’ (Minho) <> *bolinha* (s.f.) ‘pequena bola’, *bolinho* (s.m.) ‘pequeno bolo’.

Existem variantes *bolinhol*, *bolinholo* (s.m.).

[DELP s.v. *Bola*; DA s.v. *Bolinhol*, s.v. *Bolinholo*; DLP s.v. *bolinhol*; DPLP s.v. *bolinho*, s.v. *bolinhó*, s.v. *bolinhol*].

4.3. dial. *bugalhó* (s.m.) ‘espécie de planta espontânea em Portugal, venenosa para os carneiros’ (Minho) <> *bugalha* (s.f.) ‘noz-de-galha com tubérculos’, *bugalho* (s.m.) ‘noz-de-galha esférica’.

[DELP s.v. *Bugalha*, *bugalho*; DA s.v. *Bugalha*, s.v. *Bugalho*, s.v. *Bugalhó*; DLP s.v. *bugalha*, s.v. *bugalho*, s.v. *bugalhó*].

(18) REW (5267) nota também pt. *malhó* ‘cadarço, atacador’ (← lat. *mallēōlu-* (s.m.) 1. ‘martelinho’, 2. ‘ramo podado de vinha ou de árvore, em forma de martelo’ < *mallēu-* (s.m.) ‘martelo, malho’), palavra que não encontramos em nenhuma das fontes consultadas. Note-se, porém, que existem as formas galegas *amalló* (s.m.) e *amalloa* (s.f.), ambas com o mesmo sentido e com etimologia idêntica.

(19) Machado propõe um étimo latino: “*aculeōlu-*, diminutivo de *acūleu-*, influenciado por *aquilione-*”, ou seja, **acūlēōlu-* (s.m.) < *acūlēu-* (s.m.) ‘ferrão da abelha’ (G s.v. *acūlēus*). No entanto, parece-nos prescindível recuar até ao latim.

4.4. cortiço (s.m.) ‘ganga; ave galinácea de arribação, pouco maior que a rola’ <> *cortiça* (s.f.) ‘casca do sobreiro, do sobre e da azinheira’, *cortiço* (s.m.) ‘cilindro de cortiça dentro do qual as abelhas fabricam cera e mel’.

Outras formas portuguesas que nomeiam a mesma espécie de ave são *cortiçol* (s.m.) e *cortiçola* (s.f.).

[DELP s.v. *Córtex*; DA s.v. *Cortiça*, s.v. *Cortiço*, s.v. *Cortiçó*; DLP s.v. *cortiça*, s.v. *cortiço*, s.v. *cortiçó*, s.v. *cortiçol*; DPLP s.v. *cortiça*, s.v. *cortiço*, s.v. *cortiçó*, s.v. *cortiçol*].

4.5. ant. faceiró (s.m.) ‘travesseiro para repousar a face’ <> *faceira* (s.f., adj.) 1. ‘carne da parte lateral do focinho da rês’, 2. (dial.) ‘veiga, terra plana de lavoura’ (Trás-os-Montes), 3. ‘bonacheirona, simplória’, *faceiro* (s.m., adj.) 1. ‘casquilho; enfeitado com coisas vistosas mas sem valor’, 2. ‘bonacheirão, simplório’.

Outra forma do nome do objeto é *faceiroa* (s.f.). Existe também sinónimo *faceirão* (s.m.).

Formas sinónimas aparentadas: esp. *faceruelo* (s.m., ant.).

[DELP s.v. *Face*; DA s.v. *Faceira*, s.v. *Faceiro*, s.v. *Faceiró*, s.v. *Faceirôa*, DLP s.v. *faceira*, s.v. *faceiro*; DPLP s.v. *faceira*, s.v. *faceiro*; DRAG s.v. *face-ruelo*].

4.6. ant. figueiró (s.f.) ‘pequena figueira’ <> *figueira* (s.f.) ‘árvore da família das moráceas cujo fruto (figo) é comestível’.

Existem formas analógicas, mas designam outras espécies vegetais: pt. *figueiroa* (s.f.) ‘variedade de pereira’; esp. *higueruela* (s.f.) ‘trevo bituminoso’.

[DELP s.v. *Figo*; DA s.v. *Figueira*, s.v. *Figueiró*, s.v. *Figueirôa*; DLP s.v. *figueira*, s.v. *figueiroa*; DPLP s.v. *figueira*; RAE s.v. *higueruela*].

4.7. dial. galinhó (s.m.) ‘gomo de laranja’ (Trás-os-Montes) <> *galinha* (s.f.) ‘fêmea do galo’.

Existe também a variante *ganhó* (s.m., contração de *galinhó*) e o sinónimo *galelo* (s.m.).

Há formas analógicas, mas que designam uma espécie de ave: gal. *galiñola* (s.f.); esp. *gallinuela* (s.f., em Cuba).

[DELP s.v. *Galo*; DA s.v. *Galinha*, s.v. *Galinhó*, s.v. *Ganhó*; DLP s.v. *galelo*, *galinha*, s.v. *galinhó*, s.v. *ganhó*¹; DPLP s.v. *galelo*, s.v. *galinha*, s.v. *galinhó*, s.v. *ganhó*; DRAG s.v. *galiñola*; RAE s.v. *gallinuela*].

4.8. *giestó* (s.m.) ‘arbusto de flores amarelas, espontâneo em Portugal’ <> *giesta* (s.f.) 1. ‘género de plantas leguminosas, a que pertencem vários arbustos de flores amarelas ou brancas’, 2. ‘vassoura de giesta’.

Forma sinónima aparentada: cat. *ginestola* (s.f.).

[DELP s.v. *Giesta*; DA s.v. *Giesta*; DLP s.v. *giesta*, s.v. *giestó*; DPLP s.v. *giesta*; GDLC s.v. *ginestola*].

4.9. *ilhó* (s.m./f.) 1. ‘furo para passar um atacador ou outro fio ou cordão’, 2. ‘aro metálico que garante esse furo’, 3. (gíria) ‘ânus’ <> *olho* (s.m.) ‘cada um dos dois órgãos da visão’⁽²⁰⁾.

Funciona também a variante *ilhós* (s.m./f.). Antigamente existiam provavelmente as formas **olhó*, **olhol*, **ulhó*.

Forma aparentada: gal. *illó* (s.m.) 1. ‘lugar onde a água sai do solo’, 2. ‘terreno muito húmido’.

[Viana, 1906b: 7; DELP s.v. *Olho*; DA s.v. *Ilhó*, s.v. *Olho*; DLP s.v. *ilhó*, s.v. *olho*; DPLP s.v. *ilhó*, s.v. *olho*; DRAG s.v. *illó*].

4.10. *meninó* (s.m.) ‘indivíduo espertalhão, finório’ (informal) <> *menino* (s.m.) 1. ‘criança do sexo masculino’, (adj.) 2. ‘novo, moço’, 3. ‘indivíduo finório, espertalhão’.

[DELP s.v. *Menino*; DA s.v. *Menino*, s.v. *Meninó*; DLP s.v. *menino*, s.v. *meninó*; DPLP s.v. *menino*, s.v. *meninó*].

4.11. *milheiro* (s.m.) 1. ‘espécie de uva preta’, 2. ‘milheiro (planta)’, 3. (dial.) ‘pintassilgo’ (Madeira) <> *milheira* (s.f.) 1. ‘pássaro conirrosto, de asas verdes e cabeça amarela’, 2. ‘milhã’; *milheiro* (s.m.) 1. ‘planta que dá milho’, 2. ‘pintarroxo’, 3. ‘uva de bago miudinho’, etc.

Existe a variante *milheirós* (s.m.), notada apenas na aceção ‘pássaro’.

[Viana, 1906b: 142; DELP s.v. *Milho*; DA s.v. *Milheira*, s.v. *Milheiro*², s.v. *Milheiró*; DLP s.v. *milheira*, s.v. *milheiro*², s.v. *milheiró*, s.v. *milheirós*; DPLP s.v. *milheira*, s.v. *milheiro*, s.v. *milheiró*].

4.12. dial. *raivó* (s.m.) ‘cogumelo comestível que nasce nos lameiros ao vir do outono, com as primeiras chuvas’ (Trás-os-Montes) <> ? *raiva* (s.f.) 1. ‘doença própria dos cães, caracterizada por acessos furiosos’, 2. ‘fúria, ódio, ira’, 3. ‘espécie de bolo seco; raivinha’.

(20) Vasconcellos (1887–1889: 305) propõe um étimo latino da palavra *ilhó*: “*oculolum*” (isto é, **ōcūliōlu-* (s.m.)) ‘pequeno olho’ < *ōcūlu-* (s.m.) ‘olho’. Porém, não cremos ser necessário recorrer ao latim.

Outra forma portuguesa do mesmo vocábulo é **reivó** (s.m.).

[DA s.v. *Raiva*¹, s.v. *Raivós*, s.v. *Reivós*; DLP s.v. *raiva*, s.v. *raivó*, s.v. *reivó*; DPLP s.v. *raiva*, s.v. *raivó*, s.v. *reivó*].

4.13. dial., ant. **ribeiró** (s.m.) ‘ave ribeirinha’ (Beira Alta) <> *ribeira* (s.f.) ‘rio de pouco caudal e de pequeno curso’, *ribeiro* 1. (s.m.) ‘pequeno rio’, 2. (adj.) ‘diz-se de uma espécie de trigo’.

Outra forma é **ribeirós** (s.m.).

[Viana, 1906b: 369; DELP s.v. *Riba*; DA s.v. *Ribeira*, s.v. *Ribeiro*, s.v. *Ribeiró*; DLP s.v. *ribeira*, s.v. *ribeiro*; DPLP s.v. *ribeira*, s.v. *ribeiro*].

4.14. dial. **ruivó** (s.m.) ‘espécie de tortulho, de folíolos vermelhos e cabeça branca na parte convexa’ (Beira) <> *ruivo* (adj.) ‘que é de uma cor entre o vermelho e o amarelo’.

[DELP s.v. *Ruivo*; DA s.v. *Ruivo*, s.v. *Ruivó*; DLP s.v. *ruivo*; DPLP s.v. *ruivo*].

4.15. **teiró** (s.f.) 1. ‘peça da rabiça do arado que tem mão no dente’, 2. ‘parte da fecharia de algumas armas de fogo’, (s.m.) 3. ‘teima’, 4. ‘má vontade’ <> *teira* (s.f.) ‘peixe acantopterigio (que tem raios espiniformes e duros nas barbatanas)’⁽²¹⁾.

Outras formas portuguesas são **teiroga**, **ateiró** (s.f.), **mateiró** (s.m.) – as últimas duas devidas a uma aglutinação do artigo (*a teiró* → *ateiró*, *uma teiró* → *o mateiró*).

Forma sinónima aparentada: gal. **teiroa** (s.f.).

[DELP s.v. *Teira*; DA s.v. *Ateiró*, s.v. *Teira*, s.v. *Teiró*, s.v. *Teiroga*¹; DLP s.v. *teiró*, s.v. *teiroga*¹; DPLP s.v. *teira*, s.v. *teiró*; DRAG s.v. *teiroa*; RAE s.v. *telera*].

Os vocábulos incluídos neste grupo são, a nosso ver, derivados formados já em português, a partir de palavras vernáculas, e não provêm de diminutivos latinos, como o indicam algumas fontes. Supomos que em português medieval, sem determinarmos um período de tempo preciso, a terminação *-ó* (ou, na época, *-oo* / *-oa*) desempenhava a função de um sufixo independente e servia para formar substantivos denominais. O sufixo **-ó* era decerto diminutivo (como em **4.2.** *bolinhó*, **4.6.** *figueiró*, **4.9.**

(21) O nome deste peixe proviria do lat. **tēlārīa-* (adj./s.f.?), um derivado suposto do lat. *tēlum* ‘espada, dardo’ (G s.v. *tēlum*; DELP s.v. *Teira*). É interessante mencionar que do mesmo étimo latino vem esp. *telera* (s.f.), semanticamente sinónimo do pt. *teiró*.

ilhó), mas indicava igualmente outros tipos de relações semânticas: 4.4. *cortiço*, 4.11. *milheiró*, 4.13. *ribeiró* designam várias espécies de aves, provavelmente a partir do seu modo de alimentação ou habitat; 4.3. *bugalhó*, 4.8. *giestó*, 4.11. *milheiró* são nomes de plantas, originários em designações de outras espécies vegetais com as quais aquelas se parecem; 4.12. *raivó* e 4.14. *ruivó* nomeiam cogumelos, por sua natureza pequenos. A autonomia do sufixo *-ó parece-nos particularmente visível em *galinhó*, *ganhó* (4.7.), que têm como sinónimo *galelo*, formalmente também um diminutivo (de *galo*). Outro exemplo é *faceiró* (4.5.): a existência do seu sinónimo *faceirão* prova, na nossa opinião, que *-ó era intercambiável com outros sufixos. A forma *aguilhó* (4.1.) também se pode dever a uma simples substituição do sufixo e provir de *aguilhão*. Portanto, tratar-se-á de formações paralelas no tempo, sem ter de recorrer a um étimo latino.

5. Finalmente, ao grupo de palavras portuguesas terminadas em -ó poder-se-iam acrescentar também alguns nomes próprios, provindo de nomes comuns.

5.1. No que diz respeito aos topónimos, há muitos nomes de localidades entre os quais se encontram alguns dos vocábulos já mencionados de várias origens: *Queiró* (distrito de Vila Real), *Mó* (Braga). Se levarmos em conta apenas os topónimos formados com o sufixo latino *-ĕŏlus* / *-a* / *-um*, *-ĭŏlus* / *-a* / *-um* (ou com o seu descendente *-ó), veremos nomes que se referem ora à flora local, designando diminutivos ou coletivos, tais como *Pereiró*, *Nogueiró* (ambas no distrito de Braga), *Alijó*⁽²²⁾ (Vila Real), *Teixeiró*, *Milheirós* (Porto), *Figueiró* dos Vinhos⁽²³⁾ (Leiria), ora a construções, como *Grijó* (várias localidades nos distritos de Bragança, Porto, Viana do Castelo), *Mosteiró* de Baixo e *Mosteiró* de Cima⁽²⁴⁾ (Vila Real), *Paçó*⁽²⁵⁾

(22) Segundo Viana (1906b: 481), este nome vem do lat. “*lageola*” que nós identificaríamos como derivado suposto (porque não notado) de *lāgĕŏs*, *lāgĕa* ‘espécie de vinha’.

(23) Alguns destes topónimos têm correspondentes no território espanhol: *Pereruela* (provincia Zamora), *Nogueruelas* (Teruel), *Milleirós* (Lugo), *Higuerola* (Albacete), *Figuerola del Camp* (Tarragona). Para a explicação da origem deste último, Roca (1961: 207) escreve: “La solución *Ficaria* + *olu* inclina a un colectivo, a un diminutivo o a un simple distintivo”.

(24) Também há *Mosteiró* no distrito do Porto. Em França, no departamento de Haute-Garonne, existe uma localidade cujo nome tem a mesma origem: *Monestrol*.

(25) Do lat. **pālātiŏlu-* cujo sentido seria ‘habitação aparatosa’. Também há *Paçó* no distrito de Viana do Castelo e *Palaçoulo* em Miranda do Douro. Em Espanha encontram-se várias localidades chamadas *Palazuelo*.

(Bragança), *Sequeiró*⁽²⁶⁾ (Porto). A propósito, observe-se que não há provas de que os substantivos comuns **pereiró*, **alijó*, **paçó*, etc. funcionassem em qualquer época na língua geral. Além disso, existem curiosidades de tipo *Coimbró*⁽²⁷⁾ (Vila Real). Há também nomes cuja etimologia ignoramos, como *Travassós* (Braga). Estes topónimos devem ser antigos, dado que só se encontram nas regiões setentrionais de Portugal, o que, no entanto, não impede que possam ter sido exportados para outras terras onde houve colonização portuguesa⁽²⁸⁾.

5.2. Quanto aos antropónimos, apontemos nos apelidos *Queirós* e *Queiroz* (Eça de Queirós!), provindo do já mencionado *queiró(s)*, se calhar através de um mesmo topónimo. Importa mencionarmos também o nome de família *Feijó* (p.ex. João de Moraes Madureira Feijó, autor de *Ortografia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa*, 1734), originário do lat. *fāsēōlus* (s.m.) ‘feijão’, derivado não-diminutivo de *fāsēlus* ‘id.’ Do sobrenome *Taveira* provém o nome de família *Taveirós* (p.ex. Paio Soares Taveirós, ou Taveiroos, trovador do século XII, autor da famosa *Cantiga da garvaia*). Embora no repertório de apelidos portugueses de Neves (1991) não tenhamos encontrado mais nomes terminados em *-ó*, existem, ou existiram, outros antropónimos deste género, p.ex. *Ulho* (veja-se Vasconcellos, 1887–1889: 305).

Conclusões

6. Da análise do corpus (pontos 3., 4., 5.) ressaltam observações e conclusões de natureza formal e semântica.

6.1. O sufixo latino *-ēōlus / -a / -um* e *-iōlus / -a / -um* evoluiu de uma maneira idêntica nos antigos diminutivos latinos e os resultados desse desenvolvimento também são visíveis nos derivados forjados com ele já em português. O acento moveu-se para o *-ō-*; o *-ē-* e o *-i-*, agora átonos, sincopa-

(26) Com a significação ‘espigueiro’ < lat. **siccāriōlu-*, diminutivo do adj. *siccārius / -a / -um* ‘próprio para manter num ambiente seco’ que regularmente deu em português *sequeiro* (adj.) ‘seco’, (s.m.) ‘lugar seco; terreno que não é regadio’, e no norte de Portugal também ‘espigueiro’.

(27) Cujo sentido primitivo foi ‘pequena Coimbra’ (Serra, 1986: 100).

(28) Para mais topónimos deste género, veja-se igualmente: Vasconcellos, 1895: 145; Nunes, 1920: *passim*; Losa, 1956: 8–9; Laso, 1969: 214.

ram⁽²⁹⁾; o -l- intervocálico regularmente desapareceu (mantendo-se, porém, nalgumas formas paralelas dos vocábulos em questão: **3.1. arriol**, **3.3. cor-rejola**, *corrijola*, *corriola*, **3.4. eirol**, *irol*, **3.8. igrejola**, **3.11. linhol**, **3.15. terçol**, **4.2. bolinhol**, *bolinholo*, **4.4. cortiçol**, *cortiçola*). O -ó ([ɔ] tónico) final das palavras portuguesas, critério de seleção para o nosso corpus, resultou de uma crase do hiato constituído pelo -o- tónico e a vogal final dos vocábulos latinos femininos: *oa* → *ó*, e como tal era marca do género feminino. No masculino e neutro, o desenvolvimento paralelo regular deu -ô ([o] tónico): *oo* → *ô*, como em *avô*, *Paçô*, *Mosteirô* (veja-se p.ex. Viana, 1906a: 94; Skorge, 1956–1957: 57). O processo de contração dessas vogais terá começado ainda no período do português antigo e acabado no português médio, ou seja, à entrada do século XVI já estava concluído (Castro, 1991: 246; Cardeira, 2006: 49); aliás, pode-se deduzi-lo também das anotações referidas no DELP: *auolo*, *cortizoo* (séc. XII); *avoo*, *Bugaloo*, *Bugaloos* (nomes próprios), *faceiróo* (m.), *peyoos* (pl.) (séc. XIII); *aguyelhoos* (pl.), *ẽixoo*, *ichoo* (séc. XV); *arrioz* (sg.), *avô*, *enxô*, *filhoos* (pl.), *ilhó*, *treçô* (séc. XVI). A terminação -ó, e não -ô, das palavras provenientes de antigos masculinos e neutros, bem como a instabilidade do género gramatical de muitas das vozes do corpus (p.ex. **3.4. eiró**, **3.6. enxó**, **3.7. filhó**, **3.9. ichó**, **3.13. pió**, **4.9. ilhó**), deve-se à atração formal dos vocábulos terminados em -ó, oriundos do feminino latino, maioritários no corpus⁽³⁰⁾.

Algumas das palavras analisadas apresentam a passagem irregular das antigas vogais pretónicas a -i-: **3.1. arrió**, **3.7. filhó**, **3.8. grijó**, **3.9. ichó**, **3.13. pió**, **3.16. tinhó**. É o resultado de uma assimilação regressiva, ou seja, palatalização devida à presença de um som palatal a seguir, tal como “De *ucha* procedem *ucharia* (...) e *ichão*, por *uchão*, com mudança de *u*, absolutamente átono, para *i*, por ser pretónico e ficar antes da consoante palatina *ch* (...)” (Viana, 1906b: 1; veja-se também: Vasconcellos, 1887–1889: 304; Viana, 1906a: 461).

(29) Este desaparecimento do -ê- / -ĩ- é explicado de várias maneiras: Piel (1975: 46) fala da sua “absorção” [“(…) é sabido que os nomes, comuns e próprios, latinos formados com a ajuda do sufixo -fóLUS deslocaram, no latim vulgar, o acento da antepenúltima para a penúltima: -ÓLO, com absorção da semivogal -j- (...)”]; Mańczak (1969: 57), no caso de **āviōlus*, crê tratar-se de um desenvolvimento irregular devido à frequência de uso. A nosso ver, poder-se-ia dizer que o -ê- / -ĩ- deixou pegadas pelo menos nalguns dos vocábulos, influenciando ora a vogal da sílaba anterior (ditongação: p.ex. **3.5. eiró**), ora a consoante que o precedia (palatalização: p.ex. **3.7. filhó**, **3.11. linhó**).

(30) Note-se que em português contemporâneo, para além dos nomes próprios, das palavras *avô* (mais os seus derivados *bisavô*, *trisavô*...), *terçô* (**3.14. terçó**), *sô* e *nhô* (contrações irregulares de *senhor*, devidas à frequência de uso), não existem vozes de origem latina que sejam terminadas em -ô.

Além disso, certos vocábulos têm formas paralelas com -g- epentético (3.4. *eirogo*, 3.14. *terçogo*, 3.15. *terçogo*, 4.15. *teiroga*) que apareceu para eliminar o hiato -oo ou -oa. O fenómeno terá ocorrido antes do século XVI, isto é, na época em que as palavras em questão ainda eram paroxítonas.

6.2. Quanto à morfologia, além das oscilações em género gramatical, nalguns casos também se observa uma passagem das formas do plural ao singular. Deve-se isso à analogia aos plurais *noz-es*, *voz-es*, e ao facto de a terminação -ó aparecer raramente no léxico português, ficando assim suscetível de ser eliminada. As novas formações funcionam como sinónimos das palavras de base e têm novas formas regulares do plural. Deste modo, *arriós* (pl. *arrioses*) designa o mesmo que *arrió* (3.1.), *eirós* e *irós* (pl. *eiroses*, *iroses*) correspondem semanticamente a *eiró* e *iró* (3.4.), e *ilhós* (pl. *ilhoses*) tem o mesmo sentido que *ilhó* (4.9.). Há mais pares deste género: 3.7. *filhó* ~ *filhós*, 3.9. *ichó* ~ *ichós*, 3.13. *pió* ~ *piós*, 4.11. *milheiró* ~ *milheirós*, 4.13. *ribeiró* ~ *ribeirós* (veja-se: Vasconcellos, 1887–1889: 304; Vasconcellos, 1895: 144–145; Viana, 1906a: 94; Viana, 1906b: 7).

6.3. Do ponto de vista semântico, os vocábulos recolhidos são nomes de plantas (3.1. *arrió*, 3.3. *corrijó*, 4.3. *bugalhó*, 4.6. *figueiró*, 4.8. *giestó*, 4.11. *milheiró*, 4.12. *raivó*, 4.14. *ruivó*), animais (3.4. *eiró*, 3.14. *terçó*, 4.4. *cortiçó*, 4.11. *milheiró*, 4.13. *ribeiró*), edifícios e espaços (3.5. *eiró*, 3.8. *grejó*, 3.12. *mosteiró*), instrumentos (3.6. *enxó*, 3.10. *lançó*, 4.15. *teiró*), moléstias (3.15. *terçó*, 3.16. *tin hó*). Além disso, há nomes relativos a vários objetos, em geral pequenos (3.1. *arrió*, 3.9. *ichó*, 3.11. *lin hó*, 3.13. *pió*, 4.1. *aguilhó*, 4.5. *faceiró*, 4.7. *galinhó*, 4.9. *ilhó*), dois termos designando pessoas (3.2. *avó*, 4.10. *meninó*) e dois termos culinários (3.7. *filhó*, 4.2. *bolinhó*). Pode-se dizer que em geral os valores primitivos do diminutivo, ou seja, indicação de pequenas dimensões, semelhança e / ou atitude afetiva, continuam mais ou menos transparentemente visíveis nas palavras do corpus.

Em português contemporâneo, os vocábulos do corpus pertencem maioritariamente ao léxico especializado (p.ex. 3.9. *ichó*, 3.13. *pió*, 4.4. *cortiçó*, 4.11. *milheiró*, 4.15. *teiró*), regional (caraterístico dos dialetos portugueses setentrionais, como 3.5. *eiró*, 3.8. *grejó*, 3.16. *tin hó*, 4.2. *bolinhó*, 4.3. *bugalhó*, 4.7. *galinhó*, 4.12. *raivó*, 4.14. *ruivó*), ou já antiquado, caído em desuso (3.10. *lançó*, 3.12. *mosteiró*, 4.5. *faceiró*, 4.6. *figueiró*, 4.13. *ribeiró*). Há igualmente alguns termos de emprego raro, mas conhecidos comumente, tais como 3.4. *eiró*, 3.7. *filhó*, 3.11. *lin hó*, 3.15. *terçó*, 4.9. *ilhó*, 4.10.

meninó; apenas o termo *avó* (3.2.) se usa na linguagem corrente do dia-a-dia⁽³¹⁾.

Quando em português coexistem os continuadores tanto do primitivo como do diminutivo latinos (situação presente na maioria dos casos), ambas as palavras são semanticamente independentes uma da outra. Os diminutivos desenvolvem mais frequentemente sentidos figurados, derivados mais ou menos diretamente das aceções dos primitivos, às vezes já em latim. Isso diz respeito também aos derivados com o sufixo *-ó. Como se vê pelos vocábulos portugueses do corpus, esta evolução semântica pode ser ligeira (3.8. *igreja* – *grejó*, 3.10. *lança* – *lançó*, 3.11. *linho* – *linhó*, 3.12. *mosteiro* – *mosteiró*, 4.6. *figueira* – *figueiró*, 4.8. *giesta* – *giestó*), mas é capaz de ir tão longe que nem se sente qualquer ligação entre eles (3.7. *folha* – *filhó*, 3.13. *pé* – *pió*, 3.14. *terço* – *terçó*, 4.4. *cortiça* / *cortiço* – *cortiçó*, 4.7. *galinha* – *galinhó*, 4.9. *olho* – *ilhó*). Apenas três pares de palavras designam praticamente o mesmo: 3.5. *eira* – *eiró*, 3.16. *tinha* – *tinhó* e 4.11. *milheira* / *milheiro* – *milheiró*; no entanto, tal como ocorre em termos com sentidos muito próximos, um deles tende a limitar o seu uso – neste caso são os derivados que sofrem restrições territoriais.

Há igualmente poucos casos em que do par de palavras latinas sobrevive apenas o diminutivo, ora com significado figurado (3.4. *eiró*, 3.9. *ichó*, 3.15. *terçó*), ora com aceção do seu primitivo, o que implica uma substituição completa deste último (3.2. *avó*, 3.6. *enxó*).

Acrescente-se que numerosos diminutivos latinos, junto com os seus primitivos, seguem os mesmos caminhos da evolução semântica também nas outras línguas românicas (veja-se Hakamies, 1951: *passim*).

7. Em português contemporâneo, a terminação -ó, contrariamente aos seus homólogos românicos da mesma origem com valor diminutivo e afetivo (p.ex. esp. -*uelo*, -*uela*; cat. -*ol*, -*ola*; também pt. -*ol*, -*ola* de importação estrangeira), não goza do estatuto de um sufixo autónomo, estando ausente nas gramáticas, manuais, dicionários e outros trabalhos sobre a derivação sufixal (Vasconcellos, 1928: 437; Piel, 1940a e 1940b; DELP s.v. -*ol*^l; Skorge, 1956–1957 e 1958; Ali, 1971: 232–248; Cunha & Cintra, 1984: 90–103; Vilela, 1994: 66–85; Villalva, 2003; Borregana, 2008: 105–109). A existência de *-ó no repertório dos sufixos nominais do português medieval e as suas funções talvez se comprovassem num estudo aprofundado do léxico dos textos antigos portugueses que esclarecesse a época até à qual apareciam

(31) Estas afirmações comprovam-se pelos dados que dizem respeito à ocorrência dos vocábulos analisados no corpus do português CETEMPúblico.

novos vocábulos terminados em *-ó* e com que sentido. Fazemos questão de repetir que o sufixo postulado tinha com certeza absoluta um valor diminutivo (topónimo *Coimbró!*), mas veiculava igualmente outros sentidos (uma vez que alternava p.ex. com o sufixo *-ão*, como em *feijão* ~ **feijó* (→ apelido *Feijó*), além dos exemplos já mencionados). Com o tempo, o sufixo **-ó* deixou de ser produtivo e não conseguiu ganhar autonomia, estando hoje em dia só lexicalizado nalgumas palavras como as do nosso corpus.

Referências

- ALI, Manuel SAID (1971), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (7.^a edição melhorada e aumentada; Estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva), Rio de Janeiro, Edições Melhoramentos.
- ANDRADE, Ernesto D' (1993), *Dicionário inverso do português*, Lisboa, Edições Cosmos.
- BDELIC = COROMINES, Joan (2011), *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana* (tercera edición muy revisada y mejorada), Madrid, Editorial Gredos [1961].
- BORREGANA, António Afonso (2008), *Gramática – Língua Portuguesa*, Lisboa, Texto.
- CARDEIRA, Esperança (2006), *O Essencial sobre a História do Português*, Lisboa, Caminho.
- CASTILHO, Eugénio DE (1894), *Dicionário de rimas luso-brasileiro*, Revisto, e augmentado com um prefácio e um compendio de metrificacão por Antonio Feliciano de Castilho, Terceira Edição Refundida e copiosamente accrescentada, Lisboa, Livraria Ferreira.
- CASTRO, Ivo (1991), *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CETEMPÚBLICO = CORPUS DE PORTUGUÊS CETEMPÚBLICO, disponível em <http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>, consultado em 15/09/2012.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Luís Filipe LINDLEY (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- DA = DICIONÁRIO ABERTO, disponível em <http://www.dicionario-aberto.net>, consultado várias vezes em agosto de 2012.
- DELP = MACHADO, José Pedro (1952–1959), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (2 vol.), Lisboa, Confluência.
- DLP = DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2008), Porto, Porto Editora.
- DPLP = DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/>, consultado várias vezes em agosto de 2012.
- DRAG = DICIONÁRIO DA REAL ACADEMIA GALEGA, disponível em <http://www.realacademiagalega.org/dicionario#inicio.do>, consultado várias vezes em agosto de 2012.

- ESPADA, Francisco (2006), *Manual de Fonética. Exercícios e Explicações*, Lisboa–Porto, Lidel.
- G = GAFFIOT, Félix (1934), *Dictionnaire Latin–Français*, Paris, Hachette.
- GDLC = *GRAN DICCIONARI DE LA LLENGUA CATALANA*, disponível em <http://www.diccionari.cat/>, consultado várias vezes em agosto de 2012.
- HAKAMIES, Reino (1951), *Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes*, Helsinki, Academiae Scientiarum Fennicae.
- LASO, Abelardo MORALEJO (1969), “Toponímia gallega de cereales de cultivo”, *Cuadernos de Estudios Gallegos* XXIV/72–73–74, pp. 206–224.
- LOSA, António (1956), *A Dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, Braga, Edições Bracara Augusta.
- MAŃCZAK, Witold (1969), “Survivance du nominatif singulier dans les langues romanes”, *Revue Romane* 4/1, pp. 51–60.
- MATEUS, Maria Helena MIRA, FROTA, Sónia, VIGÁRIO, Marina (2003), “Prosódia” in M.H. Mira Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa* (7.^a edição), Lisboa, Caminho, pp. 1035–1076.
- MATEUS, Maria Helena MIRA, FALÉ, Isabel, FREITAS, Maria João (2005), *Fonética e Fonologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- MEILLET, Antoine, VENDRYES, Joseph (1924), *Traité de grammaire comparée des langues classiques*, Paris, Librairie Ancienne Édouard Champion.
- NEVES, Vítor Manuel LEAL PEREIRA (1991), *Apelidologia popular portuguesa*, Lisboa.
- NUNES, José Joaquim (1920), *A vegetação na toponímia portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- OTRĘBSKI, Jan, SAFAREWICZ, Jan (1937), *Gramatyka historyczna języka łacińskiego*, cz. 1, Warszawa, Komitet Wydawniczy Podręczników Akademickich przy Ministerstwie Wyznań Religijnych i Oświecenia Publicznego.
- PALMER, Leonard R. (1988), *The Latin Language*, Norman, University of Oklahoma Press.
- PIEL, Joseph Maria (1940a), “A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português”, separata do *Boletim de Filologia* VII, pp. 1–17.
- PIEL, Joseph Maria (1940b), “A formação dos substantivos abstractos em português”, separata de *BIBLOS* XVI/1, pp. 1–29.
- PIEL, Joseph Maria (1975), “Novos fragmentos de toponímia galega oriunda de nomes latinos de senhorios rurais medievos”, *Verba* 2, pp. 45–58.
- RAE = *DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA* (VIGÉSIMA SEGUNDA EDICIÓN), Real Academia Española, disponível em <http://www.rae.es/rae.html>, consultado várias vezes em agosto de 2012.
- REW = MEYER-LÜBKE, Wilhelm (1911), *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung.

- ROCA, Pedro CATALÁ Y (1961), “Fitotoponimia mayor de la arquidiócesis de Tarragona (Cataluña)”, *Studia Onomastica Monacensia* III, pp. 199–216.
- SERRA, Pedro CUNHA (1986), “A influência árabe na Península Ibérica. Aspectos da sua dimensão e profundidade”, separata de: Adel Y Sidarius (ed.), *Islão e Arabismo na Península Ibérica: Actas do XI Congresso da União Europeia de Arabistas e Islamólogos*, Évora, Universidade de Évora, pp. 97–112.
- SKORGE, Silvia (1956–1957), “Os sufixos diminutivos em Português”, *Boletim de Filologia* 16, pp. 50–90, 222–305.
- SKORGE, Silvia (1958), “Os sufixos diminutivos em Português”, *Boletim de Filologia* 17, pp. 20–53.
- TLF = *LE TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ*, disponível em <http://atilf.atilf.fr/>, consultado várias vezes em agosto de 2012.
- VASCONCELLOS, Carolina MICHAËLIS DE (1887–1889), “Etimologias portuguesas”, *Revista Lusitana* I, pp. 298–305.
- VASCONCELLOS, Carolina MICHAËLIS DE (1895), “Fragmentos etimologicos”, *Revista Lusitana* III, pp. 129–190.
- VASCONCELLOS, Carolina MICHAËLIS DE (1910), “Mestre Giraldo e os seus tratados de Alveitaria e Cetraria. Parte II – Estudos etimológicos”, *Revista Lusitana* XIII, pp. 222–432.
- VASCONCELLOS, José LEITE DE (1927), “Observações ao “Elucidario” do P.^e Santa Rosa de Viterbo”, *Revista Lusitana* XXVI, pp. 111–146.
- VASCONCELLOS, José LEITE DE (1928), *Opúsculos*, Volume I, *Filologia*, Parte I, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- VIANA, Aniceto DOS REIS GONÇÁLVES (1906a), *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, Tômoo I, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- VIANA, Aniceto DOS REIS GONÇÁLVES (1906b), *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, Tômoo II, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- VILELA, Mario (1994), *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina.
- VILLALVA, Alina (2003), “Formação da palavras: afixação” in M.H. Mira Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa* (7.^a edição), Lisboa, Caminho, pp. 937–967.